



**INTERSECÇÃO ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE:
UMA ABORDAGEM DO CONTO “O DELÍRIO”, DE CLARICE LISPECTOR**

Jhucyane Pires Rodrigues¹
Universidade de Pernambuco (UPE)

Gislany Iale Nunes da Silva²
Universidade de Pernambuco (UPE)

Roberlane Brito Pereira³
Universidade de Pernambuco (UPE)

Fernanda Mikaelle da Silva⁴
Universidade de Pernambuco (UPE)

Maria Aparecida Rodrigues de Melo Ferreira⁵
Universidade de Pernambuco (UPE)

Resumo: No presente trabalho, demonstraremos de forma breve a relação existente e relevante entre a literatura e a psicanálise, entre o leitor atento que busca algo a mais nas entrelinhas do texto e o analista que está sempre procurando compreender mais do que é relatado pelos seus pacientes; e justamente nessa busca pela compreensão analisaremos o conto “O delírio”, de Clarice Lispector, que foi publicado no livro “Todos os contos” (2016), na perspectiva da psicanálise, a partir de alguns escritos de Freud e Lacan. Observa-se que os textos literários ocupam um papel significativo na vida das pessoas, possibilitam que os seus leitores sintam os mais variados sentimentos e sensações, desse modo é um excelente aliado para a psicanálise, já que essa busca interpretar os conteúdos presentes na mente humana; a partir de uma interpretação correta é possível orientar os pacientes a um processo de autocura.

Palavras- chave: Literatura; Psicanálise; Delírio.

¹ E-mail: jhucyanerodrigues@gmail.com

² E-mail: gislanyjm2018@gmail.com

³ E-mail: roberlanebrito42@gmail.com

⁴ E-mail: fernanda.mikaelle@upe.br

⁵ E-mail: aparecidarodrigues5790@gmail.com

Intersection between literature and psychoanalysis in: an approach of Clarice Lispector's tale

Abstract: In the present work, we will briefly demonstrate the relevant and relevant relationship between literature and psychoanalysis, between the attentive reader who seeks something more between the lines of the text and the analyst who is always trying to understand more than what is reported by his patients; and precisely in this search for understanding we will analyze the short story “O delírio”, by the great writer Clarice Lispector, which was published in the book “Todos os contos” (2016), a collection that aggregates the author’s greatest writings in a single volume, from the perspective of psychoanalysis, from some writings by Freud and Lacan. It is observed that literary texts play a significant role in people’s lives, allow their readers to feel the most varied feelings and sensations, thus it is an excellent ally for psychoanalysis, as this seeks to interpret the contents present in the human mind; based on a correct interpretation, it is possible to guide patients through a self-healing process.

Keywords: Literature; Psychoanalysis; Delirium.

Introdução

Há anos utiliza-se a teoria psicanalítica com o intuito de embasar textos literários, ou melhor dizendo, como um instrumento interpretativo utilizado para desvendar sentidos que não são tão aparentes em uma primeira leitura ou a olhares de leitores desatentos. No entanto, já é sabido também que a psicanálise pode ser estudada através da literatura, sim, o inverso é possível, os psicanalistas encontram nas palavras dos textos literários o que a psicanálise sozinha não consegue alcançar. A conexão entre esses campos é tão ampla que transforma-se em complexidade instituir uma “visita” à este espaço, por conter complexidade nos mais diversos temas, além de riqueza e técnicas triviais à crítica literária, bem como à prática psicanalítica.

Sigmund Freud chegou a admirar-se ao perceber as semelhanças das histórias relatadas por seus pacientes com os romances literários, segundo ele, a literatura é a melhor fonte para a psicanálise quanto a parte clínica. Tanto na clínica como na literatura (arte), o inconsciente surge e busca por figuras para expressar-se. A relação de Freud com a literatura deixa transparecer a forma como ele tomava a arte por sua conivente, criando um novo espaço de sondagem da subjetividade, a psicanálise.

A literatura responsabilizou-se por fornecer metáforas, arquétipos, imagens e conceitos psicanalíticos, mostrando assim, uma espécie de anterioridade e supremacia da experiência literária.

Na busca por uma intersecção dessas duas áreas simultaneamente distintas e complementares analisamos o delírio na psicanálise, em um conto de Clarice Lispector que leva o mesmo nome. Os delírios trazem à tona as fantasias que se encontram em nossa mente, possuem certa semelhança com os sonhos, visto que, surgem a partir do que é reprimido; sendo assim, é preciso que o analista ouça com atenção e busque nas entrelinhas os significados contidos nas narrativas de seus pacientes.

Literatura e psicanálise

Falar sobre “Literatura e psicanálise” proporciona-nos a liberdade de expor algumas das possíveis relações entre esses dois nichos. Os textos literários possuem em sua essência um importante papel para os seres humanos, pois a partir deles podemos produzir em nós as mais diversas sensações. Por intermédio dos textos literários somos convidados a entender a nós mesmos, ou seja, os textos literários podem apresentar o reflexo do que realmente é o ser humano, seus desejos, paixões, medos, loucuras e os mais variados sentimentos. Sobre isso, o crítico literário Afrânio Coutinho (2008, p.24), afirma:

A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana. (apud, DIANA, 2020).

A psicanálise vai além do limiar do consultório, tentando interferir e afetar os mais diversos âmbitos, entre eles o literário. Os contos e obras literárias podem desempenhar um papel vital para analisar o sujeito e seu comportamento na sociedade em que se insere.

Apresentada a importância da literatura, o que falar da psicanálise? Tendo sua origem no século XIX, a psicanálise compreende a área que busca investigar a mente humana. Freud, que é considerado precursor da teoria psicanalítica, afirmou que a psicanálise corresponderia a profissão das pessoas leigas, a qual, curaria as almas. O termo “alma” daria a ideia de “mente”, ou seja, ele procurou associá-la as patologias que oprimem muitas pessoas no mundo. De modo geral, podemos dizer que a psicanálise se preocupa em interpretar as mais variadas representações mentais, tais como os nossos sonhos, desejos e pensamentos. E, através dessas interpretações que ocorrem quando se acessa o inconsciente humano, a psicanálise pode oferecer aos pacientes a possibilidade de autocura.

Dito isto, qual seria então a relação existente entre literatura e psicanálise? Entre tantas possibilidades, de início podemos lembrar que um autor ao escrever um determinado texto estará sublimando suas pulsões, no contexto em que a sublimação em psicanálise compreende a ideia de se canalizar uma determinada pulsão para um objeto diferente do original, entende-se que no ato de escrita autoral o escritor canaliza o seu desejo de se expressar para as letras, o ato de escrever.

Também é possível associar-se literatura e psicanálise, a ideia do leitor atento, o qual não se limita apenas as palavras ditas no texto, mas essa busca observar nas suas entrelinhas tudo aquilo que não foi dito, mas que pode ser subentendido. Isso nos faz lembrar do analista, que assim como o leitor atento, colhe os significantes das histórias de vida que lhe são relatadas.

Em linhas gerais, podemos dizer que Freud reconhece a importância da literatura, afirmando que através dela foi possível confirmar as grandes descobertas existentes na psicanálise. E a própria literatura se constitui com vários conceitos psicanalíticos a exemplo os mitos gregos, como no caso da tragédia de Sófocles que colaborou para o conceito central do Complexo de Édipo. Cabe ressaltar ainda que, Freud tinha os personagens de ficção como objeto de estudo, sendo esses, vistos e analisados como se representassem um caso clínico para o referido autor.

Apresentadas essas relações, compreende-se que a psicanálise utilizou-se da literatura como um modelo para a formulação das suas teorias; e os escritos literários, os escritores criativos e os leitores atentos estão inseridos no grupo que inconscientemente vivenciam as mais diversas situações que são apresentadas nessas teorias.

Conto “O delírio”, de Clarice Lispector

"O delírio" foi o primeiro conto de Clarice, o qual tem como protagonista um personagem do sexo masculino. Nele, a autora narra a história de um indivíduo de nome desconhecido durante uma noite de febre alta com aparecimento de sonhos e delírios, vítima de alguma doença que não está clara na narrativa e que o impossibilita de raciocinar e diferenciar o real do seu real, este acontecimento dá ao personagem uma nova chance de escrita, algo que parece indispensável para a sua vida.

O protagonista está alojado em uma pensão, onde a dona, Marta, é a única que possui nome no conto, a qual, juntamente com sua afilhada presta cuidados ao doente e escuta o seu delírio, sendo sua companheira na madrugada.

Os delírios iniciam de modo leve, de forma que inicialmente imagina-se tratar somente de como o homem relata o mundo, esses delírios são indicados no conto com uma passagem longa de horas num vai e vem de sonhos distorcidos e, devido ao estado febril, o homem não é capaz de entender. Após descansar e retornar a si, o indivíduo não lembra quem são as mulheres que estão a sua volta, e passa a forçar a mente para entender aquele momento, mas a afilhada de Marta lhe diz que ele passou por um longo período de delírio.

A escrita mostra-se para o personagem como algo vital, que o preenche, no entanto, essa ausência o fez adoecer e delirar, mas também foi por meio desta situação que ele pediu o lápis e o caderno à D. Marta, tendo novas ideias e palavras para escrever.

Ele para, de súbito pensativo. E principalmente se ela soubesse que esforço lhe custava escrever.... Quando começava, todas as suas fibras eriçavam-se, irritadas e magníficas. E enquanto não cobria o papel com suas letras nervosas, enquanto não sentia que elas eram o seu prolongamento, não cessava, esgotando-se até o fim... (LISPECTOR, 2016, p. 46)

A escrita seria uma criação do sujeito para encarar a realidade, a palavra inspira assim como a terra, o homem e os raios, pois, também servem de inspiração. Ele escreve para significar a sua existência. O protagonista assim ressurgue e sente o desejo de voltar a arte da escrita. A doença é uma inspiração para reviver, para reavivar sua vida, passando de doença para saúde e motivando assim sua existência.

Para alguns estudiosos como Lacan, a palavra tem importância na escuta do delírio do sujeito, pelo analista.

É a linguagem, de sabor particular e frequentemente extraordinário, do delirante. É a linguagem, onde certas palavras ganham um destaque especial, uma densidade que se manifesta algumas vezes na própria forma do significante. [...] A intuição delirante é um fenômeno pleno que tem para o sujeito caráter submergente, inundante. [...] ali, a palavra com sua ênfase plena como dizem a palavra do enigma é a alma da situação. (LACAN, 1988, p. 44).

Ou seja, através do delírio, é que o psicótico explora a palavra, mesmo que essa tenha significado literal para ele, já que é na composição delirante que há a oportunidade de relacionar as significações, ainda que inventadas, no entanto, que traga sentido para o sujeito, quando solicita-se, por alguma situação, que ele consiga dar conta desse nome que não foi simbolizado.

No conto "O Delírio ", de Clarice Lispector, o delírio conduz a um conteúdo que é importante para o cidadão e nem sempre essa matéria prima pode ser explicada e compreendida. O que se atenta do delírio tem relação com a realidade psíquica do indivíduo, com a junção do significativo no discurso, e não com o signo em si (GUERRA, 2010).

Como a autora não traz informação alguma acerca da vida do personagem do conto, nos curvamos sobre o que é dito na narrativa e encontramos uma relação do delírio construído por ele com a escrita que parece instigar seus desejos. O homem, é consumido pelas próprias palavras. Murcha e quase morre. Mas também é através dessas que continua existindo. É através da palavra que renasce e ganha a disputa contra a morte. Escreve para não defuntar a vingança da Terra.

As discussões à cerca do delírio surgem por volta do século XVI, e ainda hoje despertam questões quanto à suas origens, interpretações, sendo relatado tanto em casos de neurose quanto de psicose. Na psicanálise, é abordado por alguns como um fenômeno elementar e por outros como uma tentativa de cura daquele estado de moléstia.

Em seu artigo "Neurose e Psicose", Freud (1924/2006i) define o delírio como "um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo" (FREUD, 2006i, p. 169). A partir dessa definição, o delírio seria então uma tentativa de encobrir algo, o ego por algum motivo que desconhecemos não quer exteriorizar o que se passa em seu inconsciente.

Os delírios/as alucinações do personagem se confundem de tal forma que ele chega a não conseguir distinguir o que é realidade e o que está em seu inconsciente; como neste trecho:

Abre os olhos. A primeira coisa que vê é um pedaço de madeira branca. Olhando para adiante enxerga novas tábuas, todas iguais. E no meio de tudo, pendente, um esquisito animal que brilha, brilha e enfia as unhas compridas e cintilantes pelas suas pupilas, até atingir a nuca. É verdade que se abaixar as pálpebras, a aranha recolhe as unhas e reduz-se a uma nódoa vermelha e móvel. Mas é uma questão de honra. Quem deve se retirar é o monstro. Grita e aponta:

– Saia! Você é de ouro mais saia! (LISPECTOR, 2016, np)

Aqui embora confuso, é possível perceber que a aranha retratada pelo personagem é na verdade os seus cílios, e o monstro que brilha e enfia as unhas compridas pelas duas pupilas se trata da lâmpada pendente no teto de seu quarto. Quando passa esse momento de desorientação

o personagem se sente humilhado, envergonhado, mas depois volta ao estado inicial, de desorientação.

Em um de seus delírios mais longos o personagem do conto fala sobre uma luta entre a Terra e não se sabe o que, a Terra então está a ter filhos e esses se põem assustados com a morte da mãe, o que resta é a ideia de que a Terra irá se vingar: “Todos choram. “Foi a vingança” [da Terra] aproxima-se, aproxima-se, agiganta-se perto de todos os ouvidos até que, enorme, rebenta em raivoso fragor. E no silêncio brusco, o espaço é subitamente cinzento e morto.” (LISPECTOR, 2016, np)

Se nos determos a analisar esses delírios é possível notarmos que há um fundo de realidade, embora embaralhado, nos fatos do inconsciente. Nesse sentido, Freud (1907/2006d) afirma que o delírio está muito próximo de um sonho, e que haveria um conflito entre a realidade rejeitada pelo sujeito e a realidade que este tenta substituir, colocar no lugar da real.

O pouco que se sabe sobre o delírio deste personagem é que durou horas e horas, entre cortadas por momentos de lucidez e de total desorientação, junto de uma febre alta.

No conto “O delírio” notamos a presença da sublimação, mecanismo de defesa que transforma os impulsos indesejados em algo menos prejudicial. Segundo Freud (1996), a sublimação implicaria na “aceitação social”, já que surgiria como um ideal a ser atingido, uma espécie de “normalidade”.

Como o vimos o personagem do conto sofre com delírios e alucinações, possuindo uma ideia fixa de que “a terra deseja se vingar de seus filhos” esses delírios os deixam fora de si, mas quando ele se põe a escrever subitamente sente-se bem melhor. Por mais que o processo de escrita seja exaustivo é também sua válvula de escape dos problemas. É comum no processo de sublimação que o objeto original da tensão do indivíduo seja “trocado” por algo de teor artístico, cultural ou intelectual, aqui o protagonista se refugia na escrita como forma de arte, parece não ter muita consciência do que acontece apenas sente desesperadamente que precisa escrever.

Ele para, de súbito pensativo. E principalmente se ela soubesse o esforço que lhe custava escrever.... Quando começava, todas as suas fibras eriçavam-se, irritadas e magnificas. E enquanto não sentia que elas eram o seu prolongamento, não cessava, esgotando-se até o fim... “A terra, os braços contraídos de dor...” Sim, sua cabeça já estava dolorida, pesada. Mas poderia conter sua luz, para poupar-se? (LISPECTOR, 2016, np).

A escrita preenche o personagem é um prolongamento de si, a ausência dessa torna-se um vazio existencial, já que a escrita como arte é utilizada como um meio para se suportar a realidade; a questão existencial do ser humano é muito abordada por Clarice Lispector em suas narrativas, assim como a introspecção dos personagens perante os acontecimentos que surgem no enredo, o que acarreta em uma desordem interna deste personagem. No conto é descrito o processo criativo do escritor, como são externados os personagens e as histórias.

Outra característica marcante presente ao longo do conto está ligada a existência de vários elementos que provêm da esfera fantasiosa, o que faz com que fixe no leitor a ideia de um personagem com o transtorno delirante, o qual por meio dessas fantasias busca representar suas crenças aparentemente falsas, mas que, no entanto no desenvolver da história não passavam de desejos metaforicamente manifestos, como foi o caso concernente ao momento em que o personagem começa a ver as coisas ao seu redor de maneira distorcida. Para exemplificar, basta lembrarmos que no início do conto, aparentemente está tudo normal como vemos na seguinte narração: “O dia está alto e forte quando se levanta (...). Da janela enxerga a rua clara e movimentada. Guris brincam de botão à porta da Confeitaria Mascote, um carro buzina junto ao botequim”. (LISPECTOR, 2016, np).

Porém, logo após a apresentação do cenário inicial, conseguimos notar que o conto passa apresentar determinadas situações que fogem do real e as ideias fantasiosas começam a aparecer. É o que vemos em: “Uma luz muito doce se espalha sobre a Terra como um perfume. A lua dilui-se lentamente e um sol-menino espreguiça os braços translúcidos... Frescos murmúrios de águas puras que se abandonam aos declives”. (LISPECTOR, 2016, np). Nessa linha de pensamento, é correto considerar a existência de pontes ou até mesmo relação de aproximação entre fenômenos ligados ao delírio, fantasias e até mesmo devaneio.

Dessa forma, reconhecemos que eles têm pontos de aproximação entre si. É o caso da constatação realizada pela psicanálise de que ambos possuem a função de realização do desejo. Unindo essa ideia ao conto, destacamos que o personagem em seu transtorno delirante, possuía em si, a paixão por escrever, mas estava impossibilitado por questões de saúde, porém o desejo permanecia nele como vemos no trecho “A Terra, os braços contraídos de dor...” Sim, sua cabeça já está dolorida, pesada. Mas poderia conter sua luz, para poupar-se? (...) – Não, a Terra não pode escolher - conclui ambigualmente. Mas depois se vinga. ” (LISPECTOR, 2016, np).

Devemos entender que metaforicamente “a Terra”, citada pelo personagem, representa o escritor que deseja escrever, mas está debilitado, a vingança nada mais é do que, a

possibilidade de, no futuro, escrever o quanto possível com todas as suas energias e forças. Dito isto, dizemos que os elementos fantasiosos são usados no conto de maneira representativa a cerca dos elementos que marcam o delírio do personagem.

Considerações Finais

No decorrer do presente artigo discutiu-se a relação e a importância do campo literário para a psicanálise. Percebemos que, as obras literárias portam de conteúdos que apresentam em sua essência, aquilo que reflete o ser humano. Partindo desse pressuposto, Freud, pai da psicanálise, serviu-se das obras como um de seus objetos de estudo, a fim de entender a mente de um escritor, de modo a implicar na compreensão das ações, sentimentos e pensamentos dos personagens e sua história narrada. Sendo assim, por intermédio desta pesquisa, ampliou-se a cognição acerca do tema proposto, além de ter-se notado novas possibilidades de relações entre a Literatura e a Psicanálise.

Objetivando identificar as ligações da Psicanálise com a Literatura, tecemos uma análise do conto “O Delírio”, de Clarice Lispector. A partir deste estudo, esperamos ter contribuído para um olhar mais aprofundado acerca do âmbito psicanalítico, chegando à conclusão de que elementos como a sublimação e a fantasia estão contidos na obra citada anteriormente. A presença dos conceitos psicanalíticos nos leva a engendrar novas interpretações para com as obras literárias, analisando o que está implícito no conto e composições em geral.

Referências

DIANA, Daniela. O que é literatura? **Toda matéria**. 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-literatura/> . Acesso em: 18 mar.2021.

FREUD, S. (2006d). **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (v. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).

FREUD, S. (2006i). **Neurose e psicose**. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (v. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

FREUD, S. (1996). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** – Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago

GUERRA, Andréa Máris Campos. **A psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LISPECTOR, Clarice. Todos os contos. **O delírio** [recurso eletrônico] / Clarice Lispector; organização Benjamin Moser. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2016.

Recebido em: 01/06/2021 Aceito em: 01/07/2021